		L	uís Fili	ipe Silva
	ardápio			
	Herr Prosit Lê o Cardápio			
	H			

Herr Prosit Lê o Cardápio ou Hoje Jejuamos

Luís Filipe Silva

Título: Herr Prosit Lê o Cardápio ou Hoje Jejuamos

Autor: Luís Filipe Silva

Coordenação Série Alimentopia: Fátima Vieira Coleção Transversal – Série Alimentopia, n.º 11 1.ª Edição, Porto, novembro 2019

© U.Porto Press Universidade do Porto Praça Gomes Teixeira 4099-002 Porto

http://up.pt/press

Design: Miguel Praça

Impressão e acabamentos: Cultureprint CRL

ISBN: 978-989-746-252-8

Depósito Legal: 465700/19

Série Alimentopia

As sociedades evoluem no sentido das perguntas que formulam. O projeto ALIMENTOPIA partiu da formulação de um conjunto de perguntas que convidam a uma abordagem crítica das sociedades, bem como da imaginação da forma como poderão evoluir, a partir do ponto de vista da alimentação. A Série ALIMENTOPIA, publicada pela U.Porto Press no âmbito da Coleção Transversal, propõe-se, nesse sentido, contribuir para a criação de uma história da literatura e da cultura focada na forma como as sociedades produzem, distribuem e preparam os seus alimentos, orientando a análise crítica pela consideração de indicadores de inclusão, desenvolvimento e sustentabilidade, aos mais variados níveis.

O Projeto Alimentopia / Utopia, Alimentação e Futuro: o Modo de Pensar Utópico e a Construção de Sociedades Inclusivas - Um Contributo das Humanidades, financiado por Fundos Nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia e por Fundos FEDER através do Programa Operacional Fatores de Competitividade - COMPETE 2020 (PTDC/CPC-ELT/5676/2014 | POCI-01-0145-FEDER-016680), congregou 27 investigadores de diferentes áreas do conhecimento (Literatura, Cultura, Filosofia, Antropologia, Linguística, Ciências da Nutrição e Psiquiatria) num trabalho multidisciplinar que provou a pertinência da intersecção da área dos Estudos sobre a Utopia com a área dos Estudos sobre a Alimentação.

Leituras ao cardápio social

Hoje fala-se, à noite esquece-se. Amanhã recupera-se o entusiasmo.

O fantástico português vai existindo assim, em perpétuo renascimento sem contudo alguma vez chegar a falecer ou sequer a atingir a maturidade. O momento é sempre agora, mas depois o crescendo para, a atenção dissolve-se. Fica-se no limbo habitual das promessas. Luís Filipe Silva já o disse e comentou em diversas circunstâncias. Até porque de facto testemunhou o ciclo pelo menos duas vezes desde as primeiras publicações dos seus textos em 1991.

Constata-se-lhe há vários anos o continuado empenho nos domínios da ficção científica e da fantasia de expressão portuguesa. Tanto em nome próprio como para benefício alheio. Aos contos e ao ocasional romance, adiciona um envolvimento reiterado e significativo quer nas atividades quer nas edições pertinentes a esses erigires de outras realidades. Tradutor esporádico, muitas vezes autor de artigos ou responsável pela organização de antologias e ainda orador assíduo numa pluralidade de eventos, dedica uma atenção especial à história do género em território pátrio. Um corpo deveras mais volumoso do que talvez se supusesse e parcamente familiar à generalidade do público. Motivo pelo qual Silva regressa amiúde à questão. Seja em formato escrito seja na oralidade de conferências e debates ou no ecossistema de fóruns, blogues, e outras esferas digitais. Saem-lhe com facilidade exemplos de escritores que desenvolveram determinado assunto e vai

relacionando as obras, enquadrando-as nos seus momentos, ascendências, e descendências.

Alenta de qualquer modo um apreço intenso pelo que se fez e produz além-fronteiras dentro dos imensos subgéneros do fantástico. Informa-se, lê, troca ideias, cultiva um ecletismo airoso, pouco apegado a hipotéticas identidades nacionais em âmbitos artísticos. O assunto prova-se aliás tão sujeito a debates quanto no fundo indeterminável. Silva foca-se na qualidade e difusão das obras – cerne das dificuldades de propulsão do género em Portugal –, advogando a liberdade de cada criador para decidir os particulares e as universalidades dos trabalhos.

Os seus textos abarcam sem dúvida essa estima pela polivalência. Mudam de estrutura, estilo, e tom conforme a narrativa. Às vezes movem-se por uma ligeireza matreira ou estalam à custa de humor mordente, noutras a ironia acentua o desamparo. Se calhar o ambiente ensombra-se. Os horrores podem grassar uma variedade de formas, alargando-se do desconforto periférico à negritude vasta. Ainda assim a escrita de Silva possui uma delicadeza rara, um cuidado quase afetuoso no manusear de personagens e situações aliado a uma predisposição para entender pontos de vista distintos.

Tais pendores radicam em certa medida nos exatos rigores da ficção científica, dependentes à priori de um olhar plástico o suficiente para escapar até a raciocínios e hábitos humanoides. Mas em boa parte advêm também da vontade de esmiuçar problemáticas correntes.

A obra de Silva mantém um diálogo regular com questões sociopolíticas. As afabilidades que imprime aos textos e que ajudam a conferir elegância ao narrar, possuem tanto de empatia quanto de estratégia. Se a um lado simpatizam com o enredo e as suas gentes, por outro embalam o leitor num abraço falso. Instala-se uma teia sub-reptícia, capaz de promover o mergulho pelas profundezas e ramificações do que se conta. Confrontam-se matérias cruciais ao quotidiano e aos seus futuros.

Natural portanto que este *Herr Prosit Lê o Cardápio* ou *Hoje jejuamos* componha uma mesa assaz relevante.

Sem descortinar especificidades, uma mais-valia quando se experimenta uma trama, diga-se que anda inteiro por assuntos de pertinên-

cia crescente. O tópico da disponibilidade de víveres, um ponto caro ao projeto ALIMENTOPIA para o qual se preparou esta história, vem explorado em conjunto com outras das principais temáticas mundiais que dominaram noticiários e debates durante os últimos meses e que continuarão a fazê-lo. Põe-se o interesse mais na essência dos assuntos do que no escrutinar de modas e idiossincrasias dietéticas acuais.

O título em si referencia um conto de Fernando Pessoa fundado nas vitualhas servidas durante o jantar de uma certa sociedade gastronómica. Escrito em inglês e assinado por um dos heterónimos anglófonos de Pessoa, comporta uma aura de fantástico. Silva convoca assim a história do género em Portugal e alude às áreas de estudo do CETAPS – Centre for English, Translation, and Anglo-Portuguese Studies e do ILCML – Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, os dois centros de investigação responsáveis pelo ALIMENTOPIA.

Uma ficção científica por via das distopias – com efeito os estudos utópicos ancoram o ALIMENTOPIA –, utiliza determinadas expressões como parte integrante e forma de construir a sociedade que apresenta. Prática comum às ficções deste subgénero. Embebe-se ademais em vocabulário adstrito a mantimentos e repastos. Silva preza trabalhar o idioma e aqui pondera as amplitudes de alguns termos de conotação alimentícia no que podem significar quer para o indivíduo quer para a comunidade. Joga-se pela trama este articular constante do pessoal com o coletivo, as suas graças e falhas, as influências mútuas, possíveis autofagias.

Uma ementa cujo travo insinua realidades além das descritas.

Chegou a hora de começar.

Inês Botelho Frauenfeld, Janeiro de 2020

A vida é como um rico manjar, daqueles com vários pratos e até digestivo! — era a resposta habitual do Josué às histórias contadas entre colegas nos momentos de pausa da fábrica. Uma forma de passar o tempo na cantina, à espera do líquido obrigatório que nos limparia o corpo das impurezas respiradas. Aliás, ele próprio aproveitava o copo de plástico verde para rematar a frase e tragar de uma só vez a amarga e desagradável mistela, antes de devolvê-lo à funcionária juntamente com a chapa identificadora. Um comentário banal e brincalhão, que ganhou outros contornos ao aperceber-me do longo e soturno silêncio em que a seguir o Josué mergulhava, da sua expressão de total amargura que um olhar desatento atribuiria à terrível degustação a que fora obrigado.

Havia ali uma história, sem dúvida – o que não seria de estranhar, pois qual de nós não teria também uma história mal digerida? Ou seja, pensava eu, não havia razão válida para tanta curiosidade da minha parte... o que só tornava essa curiosidade curiosa por si mesma. Afinal, como se equipara a vida a uma refeição? Serão as entradas como a infância, pela sua natureza ligeira e breve de prelúdio? Mas então, onde classificar o primeiro prato: representa a juventude ou o início da vida adulta? E se a lógica não for temporal, mas uma divisão entre a ementa principal – neste caso, o trabalho, a obrigação – e os petiscos – a família, o descanso?

Quanto mais pensava, menos percebia. Quanto mais tentava esquecer, mais me descobria a querer desvendar o mistério. Havia um sentido na comparação. Tal como na vida, não basta apreciar de longe; só quando levamos o pedaço de comida à boca, quando o experimentamos, é que des-

Herr Prosit Lê o Cardápio ou Hoje Jejuamos

cobrimos se nos agrada. Apreço que pode ser frustrado pela dificuldade da mastigação, se o alimento for rijo e duro: descobrimos então que foi uma opção errada, mas por pudor, ou simplesmente fome, não o cuspimos, preferindo sofrer até ao fim e engoli-lo, rezando para não nos fazer mal. Sem parar de sorrir, claro, porque as refeições são momentos sociais de disfarce e postura como quaisquer outros. E tal como na vida, a refeição tinha a sua lógica, a sua dança, as suas etapas esperadas, o seu ritual, e quando se saía a meio, ficava o vazio à mesa, a cadeira abandonada, uma morte antes do tempo. A cada qual o seu prato, diria eu, a cada qual a sua história.

Foi parvoíce confrontar o Josué com este raciocínio elaborado. Hoje jamais o faria, mas então era jovem e ingénuo, e não me ocorrera a explicação mais simples, que ele jamais tivera nem nunca viria a ter a possibilidade de um manjar de reis. Que contenção e frugalidade o esperavam até ao final dos dias. Tudo isto me foi explicado pela reação de repúdio com ameaças de violência no seguimento da minha conversa, o que me fez evitá-lo durante as semanas seguintes, até descobrir que sofrera um acidente fatal. Caíra na trituradora de carne, obrigando ao encerramento das máquinas e ao expurgo da produção do mês. E não obstante ter ocorrido no pouco frequentado turno da noite, havia quem dissesse em privado ter visto, jurando que não fora acidente mas suicídio, que ele se lançara de propósito contra as enormes lâminas. E com esta confissão vinha a crítica óbvia, que fora um gesto egoísta, pois menos produção implicava menos comida nas lojas e vários bairros passariam fome à sua conta – bem como comentários desconfiados da veracidade do expurgo e até da extensa limpeza fabril, afirmando que comeríamos bocadinhos do Josué durante muito e muito tempo.

Eu, nada disse. Nem sequer procurei descobrir se ele voltara a usar a frase querida após a nossa derradeira conversa. Havia a possibilidade de lhe ter desfeito o derradeiro escudo, a fina camada de ironia com que justificava os seus dias, fazendo-o confrontar o que devia continuar tapado. Uma possibilidade forte de que o egoísta tivesse sido eu, afinal.

Foi assim que percebi que nem sempre é bom esmiuçar as metáforas. Podemos descobrir o que não queremos ver. No autocarro de regresso da fábrica vimos tensos e calados. É o dia da Felismina ao volante, e o facto de todos se agarrarem com força aos suportes diz imenso da sua condução. Cada curva é uma aventura, cada cruzamento, uma incógnita. O Manuel pôs-se ao lado dela, dando-lhe conselhos. Essencialmente obriga-a a abrandar e usar os travões. A pobre mulher segue em sofrimento, por si e por nós. Se fosse uma das antipáticas, já alguém lhe teria sugerido, com ar intempestivo, que seria melhor para si fingir-se doente e ficar em casa, nos dias da sua vez – mas a Felismina é um amor de pessoa, a melhor cozinheira do refeitório, sempre disposta a encher o prato além do regulamento, a passar-nos uma segunda malga de sopa quando o supervisor não vê, e ninguém tem coragem para a criticar. Vítima desta sociedade, tal como nós. Das leis que impedem a discriminação com base no conhecimento ou na competência. Ninguém se pode escapar às tarefas comunitárias, quando o nome aparece no sorteio diário - nem a Felismina para conduzir a camioneta dos trabalhadores, nem o Limpinho para desinfetar as retretes. Mesmo conhecendo a qualidade do trabalho de uns e de outros.

E nem eu como representante do bairro. Mesmo se conhecessem as minhas ideias.

 Soube que hoje vais fazer as honras!
 berra o António por cima da chiadeira do motor, sustendo-se na curva apertada. É um homem pequeno de barriga grande, que tenta disfarçar os dentes estragados com uma barba caricata, pois quase cresce até aos olhos. Trabalha no turno da madrugada e raramente nos cruzamos. Deve ter substituído alguém.

– Nervoso?

Não me recordei que ele mora no bairro. Vejo olhares curiosos na minha direção, um ou outro sorriso a despontar. Não contei a ninguém. Encolho os ombros.

- Calha a todos. Não sou especial.
- Sim, mas esta é a coroa de glória. Não é o mesmo que varrer as ruas – o António arreganha o beiço. – A tua mãe ficaria orgulhosa. A importância que dava a este dia.

Duas farpas aguçadas espetam-se no meu pensamento, de lados opostos. Numa a reação dolorosa a uma mágoa antiga, tão inesperada quanto certeiramente despertada por aquele comentário. Noutra, a interrogação súbita que logo se esclarece. Aquele olhar que sempre me deixou intrigado... finalmente, identifico onde o vi.

- Eras o dispenseiro da loja de carnes é mais uma afirmação que uma pergunta. Agora, sei bem quem ele é e o que queria da minha mãe depois da morte do meu pai.
 Naquela época, não usavas barba mas cabelo comprido.
- Outros tempos, outros tempos cacareja de riso, passando a mão pela careca. Lembro-me que usava um avental muito sujo, coberto de sangue, no qual tanto limpava as mãos para manusear a carne como assoava o nariz. A mera visão costumava agoniar-me. Ias com a tua mãe. Tinhas este tamanho! exemplifica com a mão. Uma excelente senhora. Muito devota. Guardava-lhe a melhor parte do lombo, quando chegava este dia suspira. Uma tragédia o que aconteceu.

Guardava, mas desde que ela o seguisse para o compartimento das traseiras. A mãe recusava-se a entrar sem a companhia de outros clientes. Então não compreendia, mas agora a lembrança surge de rompante no espírito, e faço um esforço enorme para não lhe espetar um murro nas trombas.

 Coisas da vida – puxo o cordão. O sinal de paragem dispara. – Faço a pé o resto do caminho. Farto da condução da Felismina? – pergunta em tom baixo. – Não te censuro. Infelizmente, já não tenho pernas para isso.

Infelizmente, não é provável que consiga esquivar-me à obrigação só por agredir um colega de bairro. Muito em cima da hora. Teria de cumprir o meu dever e amanhã receberia a sanção. Não vale a pena.

Fica para outro dia, António.

* * *

Entre as minhas primeiras lembranças deste dia, encontra-se esta: de ser levado pela mãe, agarrado à sua mão, num andar corrido que quase me fazia tropeçar, e ver, espantado, as outras famílias também em passo brusco, arrastando prole ainda mais nova do que eu, rumo à praça ou à loja da esquina – e assumir que se tratava de um jogo, de uma rivalidade. Embora o fosse, à sua maneira, pois notava a frustração consternada na voz da mãe quando a fila chegava à rua e os moradores do bairro discutiam entre si sobre quem ficaria com o último artigo. A mãe rogaria pragas, sabendo-se em desvantagem: as outras mulheres teriam homens, irmãs, atuariam em grupos. Ela não tinha ninguém, a não ser a minha pessoa e outra mais pequena que ficara sozinha em casa e portanto lhe limitava os movimentos. Um dia viu-se forçada a usar-me: entregou--me um par de vales do bolso, daqueles indicativos que se sacrificava em turnos suplementares, e deixou-me sozinho na fila com uma lista de recados, que eu devia pedir e trazer para casa. Os olhares de censura alheia das primeiras vezes que recorreu a este estratagema foram de pouca dura, porque quando as lojas generalistas foram substituídas pelas de especialidades, e havia que fazer percursos maiores, quem podia também começou a abandonar os filhos com igual intenção.

Obviamente, a ausência de adultos criou outro problema.

– Estás no meu lugar – era empurrado pelos mais velhos ou mais fortes, para o canto dos vencidos, enquanto aviavam a melhor farinha, os

únicos ovos, o último frasco de açúcar, a embalagem de fermento que tinha na lista. Ou então emboscavam-me no regresso a casa, roubando-me e desaparecendo em passo de corrida, às vezes por mera malícia e não necessariamente para satisfazer pedidos da família. Franzino e fraco do jejum do dia, receava fazer-lhes frente, e no dia em que decidi fazê-lo, sofri as consequências.

- Malditos cabritos vociferou a mãe, aplicando compressas de água fria nos inchaços das minhas canelas, doridas dos pontapés. – Maldita mãe que não os educa.
 - Comeram o pão contei. Quebraram o jejum.
- Blasfémia! Que vergonha, termos essa gente no bairro. Um dia terão a devida paga.

E de facto, assim aconteceu: o acumular de ocorrências foi denunciado numa assembleia anual e decretou-se a expulsão daquela família. Não sei que destino terá tido, se outro bairro se a tundra do norte, de onde ninguém regressava. Mas a medida surtiu efeito, e nos anos seguintes houve paz e disciplina – até a minha vida mudar de novo e isto perder importância.

Porque vivi em pânico, durante muito tempo, que descobrissem. Que a minha mãe descobrisse.

Ao cair por terra, ao ver o pão doce ser-me arrancado das mãos pelo mais velho do trio de irmãos e repartido entre eles, desatei a chorar – de dor, de desalento, mas principalmente, de fome. Os gémeos, já de boca cheia, gozaram com esta manifestação de fraqueza, mas o meu atacante limitou-se a fitar-me com olhar gélido.

- Porque choras? Ias comer isto?
- Claro que não respondi, entre soluços. É para a minha mãe.
 Para a dádiva.
 - Então nunca comeste pão doce?

Abanei a cabeça.

- E hoje?
- Hoje, jejuamos repeti o que sabia.

Ele fez o gesto mais inesperado da minha vida: partiu um bocado da sua parte, e ofereceu-ma.

- Toma.

E de repente, senti um medo maior do que o de ser atacado. O medo de mim.

Um pedaço de pão tão singelo e inocente, e não consegui desviar os olhos. Porque só entrava na minha casa nos dias de jejum, fatias grossas acabadas de fazer gritando o meu nome, tentando-me.

Medo porque ia ceder.

O sabor na boca foi uma explosão de vitória e de culpa.

O rapaz sorriu, maliciosamente.

 Se falares de nós, também vamos falar de ti – e desapareceram em passo de corrida.

Mas não precisei de abrir a boca, pois a mãe percebeu logo o que se passara, e quem foram os perpetradores. Apenas me calei sobre a minha fraqueza. Ainda hoje me causa pesadelos.

A verdade é que nunca me arrependi.

Foi a comida mais deliciosa de toda a minha vida.

* * *

Ela está em casa. Saúda-me com uma cebola crua na mão: quer sexo.

- Vá, trinca, hoje não tenho muito tempo.

Mas assim fico com mau hálito, foi o meu comentário da primeira vez, ao que ela respondeu, Precisamente. Perco a vontade de te beijar e se não te beijar não me apaixono por ti.

Mastigo com vigor. O sabor acre fere-me a língua, escorrega pelo esófago. Ela fareja-me e franze o nariz.

– Já se sente! Contigo é num instante.

Mas hoje disfarça mal a necessidade de companhia, e entrega-se com maior vigor do que o habitual. Não escondo que me encontro na mesma situação. Embora, no meu caso, seja a tensão derivada do papel que me aguarda. Ignoro o que a motiva. Não trocamos confidências desta natureza.

Deitados no catre, repousamos do esforço intenso. Desconfio que hoje vamos repetir a sessão. Há em ambos uma resistência em sair e reenfrentar o dia.

- Precisas de ajuda para ensaiar? a pergunta dela é uma mudança abrupta de tema. Não fico admirado, ela tem fixação pela cerimónia.
 Desde que soube da minha nomeação, triplicámos as nossas escapadelas normalmente esporádicas.
- Aprendi cedo com a minha mãe. Fazia-nos recitar todos os anos, e depois fartei-me de ter ensaios no centro. Sei o sermão de trás para a frente. É só uma frase...

Ela não mostra ter ficado desapontada com a recusa. Tantos meses de encontros e sou incapaz de perceber se aquele desapego é real ou fingido. Mas combina bem com a sua opção de vida.

- Vou passar mais tempo na Madrugada a partir da próxima semana
 anuncia como se não houvesse ligação entre as suas ideias, nem causas e consequências das nossas escolhas.
 - O Zacarias está com saudades? não evito o sarcasmo.

Ela encolhe os ombros.

– Não é por ele. Aliás, já cortei relações. Estava a tornar-se muito agarrado. Não, vou à experiência. Gosto dos rapazes daquele bairro. Sou de todos, e de ninguém em particular – sorri. Adora rematar com a máxima. Às vezes ilustra o exemplo negativo da mãe, caída de amores a vida inteira por um homem que não lhe deu troco. *Jamais*, diz, *jamais cair na esparrela*. É por isso que me faz comer as cebolas, que não me beija. *Aquilo em que os nossos lábios tocam, entra em nós*, revelou uma vez, para meu espanto. Nunca confessou mas percebi logo: o homem da história da mãe é o pai dela.

Não tenho como responder àquele comentário que também serve de aviso, e ela não sabe como pedir para ficar ao meu lado durante a cerimónia sem criar um compromisso público e desagradável. Quebro o silêncio, bafejando contra a sua cara, e ela ri-se, enruga o nariz, enxota o ar com a mão, fazemos novamente sexo e separamo-nos com um «até ver».

* * *

Hoje jejuamos. Porque somos sortudos – mesmo sem o ser. Porque temos tudo – mas muito nos falta. Jejuamos porque somos felizes. Jejuamos acima de tudo, porque sim – porque podemos. Quem não tem o que comer, passa fome – não jejua. O jejum só é desejado e saudável porque tem um fim, enquanto o fim de quem passa fome é, naturalmente, a morte. Mas a definição é enganadora, quando este fim é ditado por vontade alheia. Se não temos autonomia e poder sobre o nosso jejum, qual a diferença de passarmos fome?

Em criança, passámos fome. Não apenas neste dia, mas ao longo do ano. A comida escasseava, quer nas lojas quer na capacidade da mãe de nos alimentar, mesmo trabalhando como trabalhava. Às vezes a mesma lata era cautelosamente – e parcamente – repartida pelos dias da semana. Uma papa básica com vitaminas e proteínas que parecia vomitado e tinha um sabor que não se apurava com o uso. Mas enquanto surgia este preparado na mesa, iam surgindo na despensa ingredientes requintados, invulgares, especiais, que entravam de tempos a tempos nas lojas e logo eram escolhidos. Uma coisa era certa: a mãe não deixava em mãos alheias o crédito pela sua devoção. Estava na lista dos mais dedicados, na corrida para um topo impossível de alcançar. Havia sempre um prato florido na sua dádiva. O requinte que fazia os outros suspirarem de inveja, porque a mãe era exímia nestes pequenos atos, saber-se impor no círculo fechado, e só a saúde, quando mais tarde lhe faltou, conseguiu finalmente tirar-lhe o vigor da competição.

Recordo o meu primeiro jejum. Aconteceu no ano em que perdemos o pai. Em vez das botas pesadas nas escadas e das pancadas fortes na porta, ao terminar o verão, foi uma figura franzina, débil, uma cabeça de balão sobre um espeto de corpo, que nos apareceu à entrada com uma carta. Trazia um uniforme azul com insígnias, e portanto, vinha em missão oficial. A minha mãe leu a carta e desmaiou. E como o homem já havia desaparecido, ela ficou caída no soalho durante o que para mim pareceram horas, embora certamente tivessem decorridos meros minutos, comigo a abaná-la e a chorar de susto. Ela acordou, por fim, deu-me um beijo e enfiou-se no quarto. Nunca me chegou a dizer que o pai tinha falecido, apenas respondia que ele prolongara a sua missão e que havia de voltar.

Morreria também ela sem me contar a verdade, que só descobri ao ter acesso, no fim da adolescência, a algumas das suas posses, ainda guardadas no sanatório. Entre elas, a carta, que informava solenemente em papel timbrado que o meu pai fora vítima de acidente nas plantações do norte. Vinha ornamentada com um emblema autocolante que consagrava a honra de bravura e cumprimento do dever ao funcionário em questão, e que a mãe jamais chegara a destacar. É bem possível que não tivesse voltado a abri-la. Podia imaginá-la a guardar a carta numa das poucas gavetas do quarto, escondê-la no fundo, longe da vista, como se assim afastasse aquela etapa da vida que tinha terminado. Era muito jovem, nem sequer uma década a mais do que a minha presente idade, e hoje percebo que não terá sido fácil, ver-se subitamente sozinha no mundo com uma criança pequena e outra a caminho. Durante muito tempo a odiei. Durante muito tempo, guardei-lhe rancor. Não devia tê-lo feito, era a minha mãe.

Mas como negar o ressentimento pela sua escolha constante, e que tomava sem hesitar: que a fome dos outros era mais importante que a fome dos filhos?

* * *

Tento entrar em casa sem ser visto. Uso o acesso dos fundos, passo pelas arrecadações e trepo a escada de segurança podre e instável pela falta de manutenção. Se ocorrer um incêndio no aquartelamento, morreremos todos.

Julgo encontrar-me a salvo, mas a Clotilde aguarda por mim junto à porta. Desde que fui nomeado o próximo representante, que tenta usar-me para acrescentar outras suas dádivas ao cabaz.

Recuo de imediato, mas não há forma de contorná-la.

- Por favor, fala com o porta-voz. Toda a comida já foi entregue.
- Isto não tem de ser entregue com as mãos trémulas da idade, tira um frasco do bolso, a cuja abertura atou um pedaço de papel de embrulho furado.
 Levas na mão e espalhas sobre a comida. Assim exemplifica contra a outra palma. Um odor intenso invade-me as narinas.
 - O que é isso?
- Canela em pó a velha sorri. As dobras da pele esticam-se em redor dos lábios, e por instantes, parece uma miúda traquina. Guardei vales durante anos mas finalmente obtive-a. É importada. As crianças vão adorar.

Adianto-me e agarro-lhe nos pulsos. A velha quase deixa cair o frasco no chão, de susto.

Mas nunca viste uma cerimónia? Como é que as crianças vão adorar, diz-me lá? Como é que vão sequer conseguir cheirar a tua canela?
sacudo-a como se fosse uma boneca de pano. Estou a gritar.
Não faria mais sentido usares os vales para bem da tua família? Vocês são sete, e

vivem todos debaixo do mesmo teto.

- Endoideceste?... *Quanto maior o sacrifício, maior a expiação*. Nunca te ensinaram? começa a choramingar. Por favor, larga-me.
- Não vou levar a tua canela. Já chega de sacrifícios. Dá a provar aos teus netos. Eles vão adorar.
- Aquelas bestas? Só comeram estrume a vida inteira, e mesmo assim adoram as malditas papas, ai se adoram! Se lhes desse isto a provar, ainda julgavam que era veneno retorce os braços e largo-a finalmente. Ela estica o frasco na minha direção, e inconscientemente, esquivo-me.
 Adoro este cheiro... fez-me recordar. Já nem me lembrava. Era muito pequena. A comida que havia, e tão saborosa. Enchia-se a mesa de comida nos dias de festa, e também de gente. Ríamos, brincávamos... depois veio a guerra. Sim, sou mesmo velha sorri, com ar triste. Depois começa a lamuriar-se novamente. Ouvi-os falarem sobre mim. Não passo de um fardo. Queriam deixar-me nos campos durante a noite, à mercê dos lobos... Por favor, leva, faz o que te peço. Esta pode ser a minha última cerimónia. Faz um favor a esta velhinha que sempre te tratou bem.

E no final, apiedo-me, como sempre acontece, recebo o frasco, vejo-a partir num misto de sorrisos e lágrimas. Entro em casa e pouso a oferenda em cima da mesa, dirigindo-me para o catre para descansar um par de horas.

Contudo, acabo por adormecer, e acordo com os cânticos, em pânico, sabendo que já devia encontrar-me na rua. Na azáfama de sair, esqueço-me da especiaria. Como nunca mais regressei a casa, desconheço que destino terá tido. Mas o espaço foi certamente reocupado, e a crer no juízo da Clotilde, é bem possível que a nova família tenha considerado o odor forte como sinal de podridão, deitando no lixo a oferta de uma vida.

* * *

Acordei com o cheiro das fatias douradas. Pão frito em gema de ovo, polvilhado com açúcar quando havia. Era o despertar mais doce da minha vida. Ouvi o estalar do óleo, imaginei a pilha à minha espera para engolir com o leite quente. Preparado para celebrar o regresso do pai, que trazia consigo brinquedos de lata, artigos de terras distantes. Quando entrasse na cozinha, iria encontrá-lo sentado à mesa, a distribuir as fatias douradas pelos pratos. O meu tinha sempre a maior quantidade.

Pai. Enterrei a cabeça na almofada. Nesse ano, o pai não veio. Veio a carta e o homem franzino da cabeça grande.

Encontrei a mãe de avental posto. A bancada estava repleta de farinha, ovos, carne. Nunca vira tanta comida na minha vida. Senti um nó no estômago, um repente de felicidade. Corri para ela e abracei-a. Dava-lhe ainda pela cintura. A gravidez já se notava.

Ela fitou-me com ar cansado.

 Daniel, que foi que te disse ontem? N\u00e4o te podias levantar sem que eu te dissesse.

Não entendi. Sempre despertara com o cheiro das fatias douradas. Que diferença fazia o dia de hoje? Estendo a mão para o prato mas ela deu-me uma palmada.

 Não são para ti. São para as crianças com fome – e empurrou-me de volta para o quarto. Só tínhamos duas divisões, a bem dizer, em que se fizeram separações adicionais com cortinas a servir de paredes. Eu dormia a um canto.

– Mãe, mas eu tenho fome! E sou uma criança – procurei rir, fazê-la rir, mas ela estava determinada, quase zangada, e eu recuei, receando ser alvo de palmadas.

Não são para ti. Não penses mais nisso. Daniel, já és homenzinho, e com a... ausência do teu pai, e a vinda do bebé, vais ter de ajudar a mãe – recordo que lhe corriam as lágrimas, mas a voz não tremia. Isso assustou-me ainda mais, e não consigo explicar o motivo. – Vais participar num acontecimento maravilhoso, filho. Já tens idade. A mãe nunca te quis envolver, fui egoísta e arrogante, e paguei por isso. Pagámos todos. A partir de agora, será diferente. A mãe aprendeu a lição e vai ensinar-te também. Para que não passes pelo mesmo.

Não entendi nada. Era conversa a mais para a minha idade. Contorci-me, agarrado à barriga. O cheiro apelativo causava-me vertigens.

- Quero comer!
- Não podes, Daniel. Não podes comer nada até amanhã de manhã. É pelo teu próprio bem. Hoje jejuamos.

* * *

Aparecem diante de mim, atravessando-se no meu caminho como espíritos no Purgatório, com as mãos cheias de ofertas – docinhos, nacos de pão, carnes secas, colares de rebuçados, ovos cozidos envoltos em bolsas tricotadas com padrões coloridos. Mãos esquálidas com dedos compridos e aguçados, pele esticada sobre os ossos, sem carne nem gordura a protegê-la. Olhar esperançoso, lábios retesados sobre dentes tortos, em falta, cariados. Faces emaciadas e contudo sobreviventes. Que sempre me acompanharam. Querendo que junte estas ofertas à pilha entretanto fechada. Querendo garantir um último lugar, como se as suas vidas dependam disso. Aceito o mais que posso, até não me restar espaço nos bolsos e equilíbrio nos braços. Desesperados, enfiam as ofertas pela abertura do meu casaco, que não apertei e portanto, escorregam e caem no chão, desperdiçadas. Praguejo entredentes. *Comam, comam, vocês precisam mais que os outros*. Obviamente, de nada vale. A devoção é mais forte. E o barulho da multidão abafará tudo o que diga.

Chego por fim ao estrado subido. O porta-voz vê a minha carga, abana a cabeça de desalento e indica-me onde largar a comida: sobre a tela esticada em que se dispuseram as dádivas recolhidas durante o dia. Abro as mãos, despejo os bolsos. Os artigos embatem nas pilhas e deslizam para o solo, alguns desaparecendo debaixo da madeira. Tenho a certeza que alguém, finda a cerimónia, se enfiará aqui para recolher os despojos.

O porta-voz encaminha-me então para o centro do palco.

Série Alimentopia Herr Prosit Lê o Cardápio ou Hoje Jejuamos

- Sabes fazer isso? - Indico que sim. - Pronto, é só aguardar a nossa vez. Hão de anunciar o nome do bairro, eu digo o que tenho a dizer e depois é contigo. Escreveste a tua fala?

- É só uma frase respondo.
- Há quem se esqueça com o nervosismo.

Abano a cabeça.

- Já passei por muitos jejuns.
- Como queiras. Não falhes, seria uma vergonha para todos aponta para a multidão atrás de mim, todos os rostos que encontro no caminho para casa, para o emprego, para as lojas, para o jardim. Os rostos que me censurarão, se não fizer o meu papel. Marcado para sempre, eis o que o porta-voz quer dizer-me.

Os holofotes traçam o céu negro ao redor do perímetro. O bairro encontra-se a meio de um braço da fronteira, pelo que conseguimos inclusive acompanhar o progresso da cerimónia no distrito contíguo, ao fundo no horizonte, enquanto as luzes se apagam num bairro afastado e avançam para o seguinte. O ruído das gentes ouve-se à distância, bem como o anúncio no megafone, demasiado longe para se discernirem palavras. Mas o ritual é bem conhecido. No meu tempo, as vozes seriam abafadas pelo chocalhar da cerca, mas desde o ano em que quase conseguiram derrubá-la, que se tornou eletrificada. Aliás, se escutar com atenção sou capaz de notar o zumbido surdo subjacente desta energia invisível emanando da grade diante de mim.

Lanço um olhar sub-reptício. As luzes apagadas não permitem que se discirna o outro lado, mas sei que já se devem encontrar ali, a observar. Aparecem sempre, todas as vezes. Nunca entendi porquê.

É a fome, explico a mim mesmo. A fome não tem memória. São chamados pela comida.

Passam-se os minutos. Uma por uma, as luzes descrevem um círculo. Atrás de mim, as cantilenas já começaram, incitadas pelo ministro local, as velas erguidas na noite baloiçando sobre as cabeças. Não me viro para trás. Conheço a cena. No fundo da minha mente, ainda ali estou, agarrado à mão da minha mãe, o meu irmão do outro lado, apertado entre

as pessoas, mexendo os lábios sem proferir as palavras que aprendera. Tal como agora.

– Somos os próximos! – anuncia o porta-voz, fazendo-me sinal. Acendem-se os holofotes do bairro vizinho, à nossa esquerda, a poucos quilómetros. As vozes sobem ao ar, quase nítidas. A oração é curta. Depois os aplausos, estes mais demorados.

Sinto-as agitarem-se do outro lado da cerca, figuras que emergem na periferia da cerca, mas afastadas do metal, quais animais na noite. Imensas.

Ao fundo da esteira repleta de comida, o trator desperta para a vida. Apagam-se os holofotes à distância e mergulhamos na escuridão, só cortada pelo brilho fátuo das velas atrás de mim. O mundo fica suspenso.

E então, enche-se de luz.

* * *

Parecia dia de festa sem o ser. O doce chamariz que emanava da cozinha logo se tornava fel, quando o estômago se queixava, esquecido, sabendo que nada daquilo se me destinava. Enterrava a cara na almofada da cama, rezando para deixar de respirar. Era uma sensação agonizante, não só pela fome que cresceria ao longo das horas infindas, mas porque a lembrança, e a perspetiva da repetição, me acompanharia todos os restantes dias do ano.

Mas havia uma felicidade que, ao menos, restava naquele conjunto: a mãe estava em casa naquela manhã, e em casa ficaria o dia inteiro, até começar a cerimónia. Que passasse horas na cozinha, a confecionar pratos e sobremesas o melhor que sabia, ao invés de descansar do trabalho constante, nada importava para a minha tenra idade. Que naquele dia ela sacrificasse uma boa parte dos vales acumulados, obrigando-a a compensar a despesa nos meses seguintes com os turnos duplos na fábrica que acabariam por lhe danificar os pulmões, era indiferente para a minha inocente perceção do mundo. Não só estava em casa, como, e por causa disso, eu seria poupado ao centro de dia onde as crianças eram deixadas, a cargo de adultos severos e disciplinadores. Um dia por ano, o sabor do néctar dos deuses, que me deixava tão feliz.

Mas como contrariar a sua devoção, a fé que tinha no seu sacrifício? E depois, quando havia o pequeno Mário, como podia eu negar a luz que via nos seus olhos, tenros como os meus tinham sido, e não calar os meus

protestos perante a felicidade do meu irmão mais novo? Foi poupado à cerimónia durante os primeiros anos, e cheguei a vê-lo provar aquilo que me foi negado – embora nunca as fatias douradas, pois essas tornar-se-iam a pedra de toque da dádiva que ela, orgulhosamente, fazia à cerimónia.

Quando fez seis anos perdi o meu irmão.

Incapaz de nos criar, enfiada no sanatório comunal de onde não voltaria a sair, a mãe teve de nos entregar aos cuidados do bairro, e fomos separados. Somos de todos, e de ninguém em particular – assim me explicaram, enquanto ele desaparecia na segunda carrinha. Não podiam acolher todas as crianças tresmalhadas. Eu, cuja idade já me permitia realizar tarefas na fábrica, fui escolhido para ficar. Ele terá sido levado para longe, a crer no que me contaram, para recuperar as terras ainda queimadas pela devastação da guerra, onde a esperança de vida era reduzida. Ou então foi apenas encaminhado para outro centro, talvez viva no bairro aqui ao lado, e ocasionalmente passemos um pelo outro sem nos reconhecermos.

Dos dois cenários, não sei qual o que me entristece mais.

* * *

A cantilena baixa de tom. O porta-voz ergue o microfone. Os nossos holofotes rasgam o céu, como se procurassem um ser há muito ausente. Outros iluminam a cerca.

Eles já lá se encontram, atentos. São centenas.

Arrepio-me como sempre me arrepiei, desde aquele primeiro e longínquo ano. Mas obrigo-me a manter o olhar direito e fixo, mesmo se me voltarem os pesadelos.

A potência do som faz-me sobressaltar.

– Irmãos, aceitem o sacrifício das pessoas do bairro da Esperança – o porta-voz exprime-se com clareza e precisão. – Sentimos o vosso sofrimento. Choramos com a vossa angústia. Acompanhamos o vosso calvário por esta vida e todos os dias rogamos para que termine. Sois vítima de um destino injusto. Mas não nos compete a nós questionar. Não está no nosso poder alterar a ordem das coisas. O que podemos fazer, o que fazemos hoje, é unir-nos a vós. Aqui, como podeis ver, está a comida do bairro, não tocada. A melhor comida, que podia alimentar os nossos filhos, os nossos estômagos, foi oferecida de livre vontade por toda esta gente a quem tanto falta, também. Há vinte e quatro horas que não comemos. Como vós, também hoje passamos fome. Dou agora a palavra ao representante de Esperança, para iniciarmos a cerimónia.

A luz banha-me. O porta-voz entrega-me o microfone. À minha esquerda, o trator solta fumo, preparando-se para avançar.

Pela primeira vez na minha vida, eles reparam em mim.

Têm olhos grandes, muito brancos e redondos, que nunca pestane-

jam. Os membros são compridos, as pernas muito esguias e vincadas, os braços pendendo quase até aos joelhos – talvez ilusão de ótica, porque se encontram perpetuamente curvados para diante, as suas corcundas pronunciadas erguendo-se quase ao nível da nuca, como se incapazes de suster as cabeças desproporcionais. Só os mais novos ainda têm cabelo, nos outros apenas restam fiapos que pendem, inertes, do alto da cabeça. Tudo neles são arestas, visões dos esqueletos perfeitamente traçados, como se a lápis, sob a pele, qual molde. Não lhes resta o mínimo de músculo nem de gordura. É um milagre, aguentarem-se em pé. As costelas, que parecem furar a derme, deslocam-se assustadoramente a cada inspiração custosa, ameaçando desmontarem-se.

Fitam-me com olhar parado, submisso, sem forças para sentir qualquer sofrimento. Seres humanos no limite da vida, suspensos por um fio. O produto da verdadeira fome. Uma visão grotesca.

Não consigo respirar. Sinto um aperto no coração, misto de culpa, pena e agonia. Se não fosse o jejum, teria vomitado.

Alguém pigarreia ao meu lado. O porta-voz. Aguardam que eu fale. Levanto o microfone.

- Eu... sinto a boca seca. Sei o que tenho de dizer, mas as palavras não deslizam. Eles já não olham para mim, mas para a comida. Para os metros e metros de alimentos dispostos diante deles, do outro lado da cerca, tão perto e tão impossíveis de alcançar. Sabendo o que vai acontecer a seguir.
- «Em nome do meu bairro, ofereço o sacrifício do nosso alimento.
 Hoje jejuamos» sibila o porta-voz ao meu ouvido, irritadíssimo. Estou a estragar tudo.
- Em nome do meu bairro começo hesitante, querendo despachar o assunto. – Ofereço. Sacrifico.

De todos eles, do outro lado da cerca, apenas um se destaca. Um que percorreu com a vista os alimentos ali dispostos, até descobrir aquele que o encantou, porque se aproximou da cerca e esticou o braço, tão franzino que atravessou o aro da abertura sem tocar no metal. O que quer ele?

Então descubro. O prato de fatias douradas. Está fascinado por elas. Sem nunca as ter provado na vida. Porra, homem – exclama o porta-voz. Arranca-me o microfone das mãos. Berra: – Hoje jejuamos – e faz sinal ao operador da máquina. O trator começa a avançar.

O rolo compressor alcança a primeira fila de alimentos, esmagando-os sob o peso. Migalhas, ossinhos, pele esvoaçam, pratos quebram-se. Comida em perfeito estado, saborosa, é inutilizada neste gesto de igualdade perante quem nada tem.

Os aplausos surgem atrás de mim. Levanto as mãos. Nem acredito que vou fazer isto.

- Esperem! - e salto para a tela esticada no chão.

Os aplausos terminam abruptamente.

Sinto o bafo mecânico. O rolo está quase a atingir-me.

– Esperem! – estico as mãos para o condutor, que freia abruptamente, atónito. A comida colada ao rolo desprende-se e cai em cima de uma fileira de pães.

Abro caminho por entre as ofertas, estranhamente cuidadoso em não pisar alimentos que, em poucos segundos, teriam sido transformados em papa. Alcanço por fim as fatias douradas. Debruço-me.

 Agarrem-no – ouço atrás de mim. Já perceberam. Tenho de despachar-me. Levanto o prato, dou um pulo, tiro uma fatia e dobro-a ao meio. Enfio-a nos dedos do miúdo.

Nas minhas costas uma exclamação coletiva ascende no ar.

– Prova – digo. Ocorre-me que nunca os ouvi falar, nem sei se o miúdo me compreende. – Vais gostar.

Ele retira rapidamente a mão e leva a comida à boca. Os olhos arregalam-se impossivelmente.

Sinto outro aperto no coração. Mas este é diferente.

Nesse instante dois fenómenos acontecem: do outro lado da cerca, eles despertam. Reúnem energias de um lugar secreto e avançam para mim, enfiando os braços pelas aberturas. Por que muitos não são crianças, e com a ânsia, sofrem uma consequência infeliz: raspam no metal e a proteção desperta, soltando descargas que lhes queimam a pele e os projetam para trás. Ainda assim, insistem. Consigo distribuir todo o conteúdo do prato, assegu-

rando-me de que não apanho choques, antes de me preocupar com o segundo fenómeno: os vultos que tentam alcançar-me, vindos da minha direita.

Viro-me, salto para o meio da comida e desato a atirar os produtos para o alto, por cima da cerca. Alguns embatem nela e voltam a cair no chão, mas muitos atravessam o ar negro e mergulham num mar de braços esticados.

Os vultos já são cinco, e cercam-me. Não durarei muito. A multidão vaia, assobia. Se me deixam à mercê da turbe, estou feito.

 Para! Quem julgas tu que és? Quem julgas que és? – e o punho do porta-voz corta o ar, apanhando-me no ouvido. Escorrego num pão de ló e caio sobre uma cesta de fruta.

Apanho pontapés na barriga e nas costelas. Tento proteger a cabeça. Agarram-me então pelos braços e levantam-me. Estou tonto, confuso, o ouvido direito tornou-se um zumbido que me enche os sentidos, custa-me respirar, penso que terei uma costela partida. Aguardo as próximas pancadas.

Mas não chegam. Os homens nem estão atentos a mim. Fitam a cerca com ar assustado. Viro a cabeça.

As gentes do outro lado entraram em revolta. Nunca as vi assim agitadas. Nunca as vi sequer como seres vivos, capazes de sentir. Gritam, arreganham os beiços, agitam paus no ar. Atiram-nos contra a cerca.

Depois várias pedras voam pelo ar. Uma delas atinge o porta-voz no ombro. O homem rodopia e cai por terra.

A chuva de pedras intensifica-se. A multidão deste lado começa a gritar de medo e dispersa-se.

Alguém grita:

– Apaguem as luzes! Sigam para o próximo bairro!

Saberei depois que nem sequer deixam o outro porta-voz falar. A revolta já tinha progredido para lá. As pedras voavam, e, inclusive, pegam fogo à base da cerca.

Torna-se impossível prosseguir com a cerimónia. Talvez nunca mais volte a acontecer. Tudo por causa do que eu fiz. E aquilo que fiz não foi, em termos absolutos, nada de especial.

* * *

Consideram-me traidor. Admito que estavam tão perplexos e perdidos quanto eu. O julgamento teve mais hesitações e conversas a um canto que grandes rasgos de oratória e argumentação. Tinham de complementar os fundamentos legais, e, na falta de melhor, aplicaram o regime básico da guerra: pactuei com o ex-inimigo. E também na falta de melhor, querendo ao mesmo tempo evitar o precedente da pena capital e de um linchamento nas ruas se regressasse ao bairro, e sendo as prisões um conceito do passado, decidiram-se pela sentença mais óbvia: o exílio. Mas não para a tundra. Se eu gostava assim tanto dos outros, que vivesse até ao fim dos meus dias entre eles.

Levam-me numa carrinha de transportes fechada. Não queriam arriscar que fosse visto pelos outros bairros, que me tornasse ícone ou mártir ou exemplo a seguir. Traí o meu bairro e isso bastava. Motivava-os, não tanto uma ideologia, mas um medo de mudança, como quem se levanta num barco instável e arrisca virá-lo. Saí pela primeira vez, e para sempre, da minha terra, do meu pequeno espaço em vida, mas de nada me serviu, pois não vi nem paisagens nem outras gentes. A viagem dura horas. Há apenas um portão de contacto entre os dois mundos, pelo que vim a saber, no qual se permitem trocas.

Quando finalmente abrem a porta, estamos em pleno espaço aberto, numa planície infinda com vegetação rasteira e meia dúzia de colinas. Diante de nós, um rio. Nunca vi cursos de água, a não ser em gravações durante a juventude no centro comunitário, e confesso que me prende a atenção. Com correnteza forte e agitada, é como um ser vivo indomável que não para de rugir. Depois noto a ponte, suficientemente larga para aguentar um veículo, e em cada extremo, várias pessoas que observam o acontecimento.

Reparo na fisionomia tão familiar do grupo da outra margem.

Já não estou no meu território. Atravessei a cerca.

Os meus guardas entram no veículo, fecham a porta e regressam pela ponte. Há um portão deste lado, que é corrido e trancado a ferrolhos. Mal o veículo sai da ponte, repete-se a mesma ação na extremidade oposta. Depois, os que aguardavam, sobem também para o interior e desaparecem na estrada que nos trouxera.

Deixando-me aqui. Com eles.

Contemplo-os de cima a baixo. São cinco, todos homens. Diferentes dos que sempre encontrei. Ao contrário do aspeto faminto, decadente, vestindo farrapos, estes são particularmente vulgares, com ar sadio, roupas íntegras ainda que estranhamente coloridas, e inclusive dois, mais musculados do que eu. Aquele que avança é bastante alto, parece um gigante. Não mostram tristeza nem desalento mas força, convicção, e uma boa dose de curiosidade para comigo. Obviamente, há os traços alienígenas: a tez pálida, os olhos claros, os lábios finos.

Respiro fundo, para controlar o medo. Nunca pensei que fosse assim. O inesperado faz-me sentir que não conheço a história toda. Que cometi o maior erro da minha vida.

O gigante é o primeiro a falar. Traz um objeto esférico na mão com superfície rugosa. Tem uma abertura a meio.

- Bebe. É um fruto da nossa terra. É para teu bem.

Pisco os olhos com o despertar súbito de uma referência antiga. A voz do homem é roufenha, mas percebo as palavras, embora as diga com uma entoação diferente. Até hoje, nunca me perguntara sequer se eles falavam a minha língua.

Levo o alimento à boca. Afinal, é oco com uma casca dura. O líquido tem um sabor ligeiramente adocicado, muito agradável. Só então descubro como me encontrava ressequido. Bebo tudo.

O gigante sorri e faz sinal para que os outros se aproximem.

- Representamos as cinco regiões. Eles também trouxeram ofertas.

À vez, estendem-me pedaços de comida, que me incitam a comer. São minúsculas porções, mais pequenas que um dedo mindinho, mas ricas em textura e sabor: uma fatia esponjosa de tom creme com textura fibrosa; uma fina placa castanha com sementes, muito adocicada; um vegetal coberto com farinha vermelha; e um inseto assado num espeto com as patinhas dobradas. Aparentemente é suposto que prove de tudo. Hesito bastante antes de aceitar a última oferta, mas eles são bastante insistentes e apiedo-me. Trinco o bicho, e do abdómen esguicha uma pasta verde amarga. Dou um pulo atrás, agoniado. Os homens riem-se.

- O que provaste são comidas típicas de cada região. Aliás, foram. Já não se fazem - solta um esgar. - Outrora fomos grandes. Depois a terra secou e os animais morreram. Levados pela peste. Agora percebes o que se perdeu. Até o pouco que comeste foi preparado com grande custo. Para ocasiões especiais - faz uma pausa, deixando o significado assentar.

Engulo em seco. Estão divididos em regiões? Têm comida com aquela riqueza de sabor? O meu pensamento rodopia, causa-me vertigens.

- Não entendo... abano a cabeça, em desalento.
- A tua história correu léguas. Queríamos conhecer-te.
- Mas eu... pestanejo repetidamente. Não sei o que pensar da situação. Eu não sou ninguém... eu...
 - Deste de comer a um de nós diz o gigante, calmamente.
- Não foi planeado! de repente, as palavras soltam-se. Já não as podia conter. Não sei por que fiz aquilo!
 - O gigante franze a testa.
 - Não sabes?
- Eu... tenho a vista marejada de lágrimas e o peito apertado, dificultando-me a respiração. Sai finalmente, toda a angústia acumulada ao longo dos compridos minutos das muitas horas dos lentos dias de tantos anos. E é avassaladora. Não aguentei mais. Diziam-me para me sentir feliz, por haver quem estivesse pior. Mas pode a felicidade existir à custa do sofrimento alheio? calo-me.

O gigante anui.

- Não pactuaste.
- Eu não sei se agi bem desabafo.

Ele fita-me com ar grave.

- As cercas estão a ser tapadas com muros pela tua gente.

Fico sem palavras. Limpo a vista, mas as lágrimas ainda não pararam.

- Perdoem-me peço, baixinho.
- Todas as perguntas têm de ser respondidas, mais tarde ou mais cedo.
 E tu encontraste a tua resposta. Mas não sabias que era também a resposta deles ele encolhe os ombros. E afinal, também a nossa.

E sem mais palavras, faz sinal aos restantes, que me viram as costas, afastando-se do rio. Vejo-os avançar alguns metros, e depois, por instinto, sensatez ou simplesmente falta de alternativa, começo a segui-los.

It lives on a half-bowl of corn meal and grease a day.

Ursula Le Guin

Sobre o Autor

Luís Filipe Silva, nascido a 6 de dezembro de 1969, é um autor Português de ficção científica, premiado em 1991 com o Prémio Editorial Caminho de Ficção Científica pela obra *O Futuro à Janela*. É também organizador de uma tertúlia de leitura de textos literários.

Ao longo dos anos, tem publicado os seus contos em revistas nacionais e internacionais. Um dos seus contos foi publicado na antologia luso-americana Breaking Windows. Algumas das suas obras mais conhecidas são GalxMente I: Cidade da Carne (1993), GalxMente II: Vinganças (1993), Terrarium: Um romance em mosaicos (com João Barreiros, 1996) e Aqueles Que Repousam na Eternidade (2006).













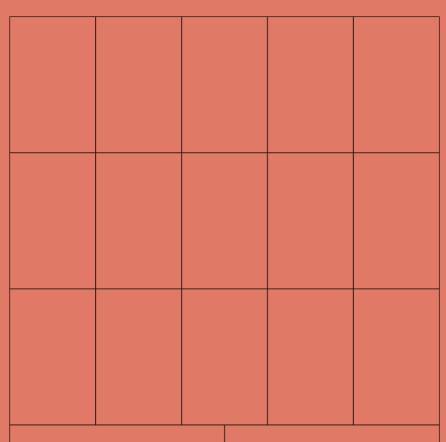
















http://up.pt/press



Projeto financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Competitividade e Internacionalização - COMPETE 2020 e por Fundos Nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto PTDC/CPC-ELT/5676/2014 | POCI-01-0145-FEDER-016680.

